

PEDRO TUDELA & JORGE PINHEIRO

ECOS, RASTOS, RITMOS

Galeria Municipal de Matosinhos

12.DEZ 2025 —
29.MAR 2026

COLEÇÃO DE SERRALVES FORA DE PORTAS

SERRALVES FORA DE PORTAS OUT OF DOORS

EXPOSIÇÃO EXHIBITION

Organização Organisation

Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, Porto

Curadoria Curator

Carlos Magalhães

Adaptação de conceito original de Adapted from original concept by

Joana Valsassina

Produção Production

Carlos Magalhães

Apoio à produção Production support

Galeria Municipal de Matosinhos

PUBLICAÇÃO PUBLICATION

Coordenação Coordination

Sílvia Sacadura

Edição Copy-editing

Rita Almeida Simões

Texto Text

Adaptação de texto original de Adapted from original text by

Joana Valsassina

Tradução Translation

John Elliott

Créditos fotográficos Photographic credits

© Filipe Braga, Fundação de Serralves; © MIEC Santo Tirso (fotógrafo Miguel Ângelo Pereira)

Agradecimentos Acknowledgements

Pedro Tudela, Jorge Pinheiro

PEDRO TUDELA & JORGE PINHEIRO

ECOS, RASTOS, RITMOS

SERRALVES

Pedro Tudela
Sem título (da série >e(c(o<), 2019



A exposição *ecos, rastos, ritmos* estabelece um diálogo entre a obra de Jorge Pinheiro (Coimbra, 1931) e Pedro Tudela (Viseu, 1962), artistas de diferentes gerações com linguagens e percursos muito distintos, desenvolvidos entre a pintura, o desenho, a escultura e a instalação, que se tocam em pontos-chave. Ecos, rastos e ritmos pressupõem relações dialógicas de circularidade, reciprocidade, encadeamento, gradação e contraste. É a partir destes mecanismos de génese relacional que se estrutura esta exposição, revelando como ambos os artistas materializam o som e o silêncio enquanto ponto e linha, objeto e conceito, tempo e espaço.

Concebida para a Galeria Municipal de Matosinhos, a exposição apresenta obras de Jorge Pinheiro da década de 1970 em diálogo com trabalhos de Pedro Tudela do final dos anos 1990 até à atualidade. Partindo de estruturas compositivas baseadas em modulações geométricas e sonoras e em notações gráficas e musicais que permeiam a prática dos dois artistas, som e desenho desenvolvem-se a par e passo, enquanto formas de ação e comunicação.

Jorge Pinheiro é reconhecido como uma figura incontornável do contexto artístico português da segunda metade do século xx, integrando o célebre grupo Os Quatro Vintes em 1968, juntamente com Ângelo de Sousa, Armando Alves e José Rodrigues.¹ Ao longo de uma carreira de mais de cinco décadas, Jorge Pinheiro tem vindo a desenvolver um corpo de trabalho visualmente diverso de notável rigor teórico e formal, onde coexistem a pintura figurativa e a abstração geométrica. A sua obra baseia-se em princípios de matemática e semiótica, inspirando-se particularmente na sequência de Fibonacci, segundo a qual cada número sucessivo resulta

¹ Ângelo de Sousa (Maputo, 1938 — Porto, 2011), Armando Alves (Estremoz, 1935) e José Rodrigues (Luanda, 1936 — Porto, 2016).

da soma dos dois números anteriores. Sofisticadas composições geométricas e padrões de alto contraste cromático surgem aliados a uma aturada exploração de noções de ritmo e serialidade, cujos desdobramentos formais e conceptuais evidenciam o interesse do artista pela música e pela lógica.

A exposição apresenta trabalhos de Jorge Pinheiro de índole abstrata, incluindo desenho, pintura e instalação, que revelam o vocabulário compositivo fundador de toda a sua obra. Na viragem para a década de 1980, o artista regressa à figuração. Contudo, para lá da dimensão poética, metafórica e política da sua pintura figurativa, a rigorosa construção geométrica de génese matemática que rege o seu trabalho abstrato persiste enquanto substrato da composição, demonstrando a profunda coerência conceptual da sua multifacetada produção artística.

Iniciando o seu percurso pela pintura na década de 1980, Pedro Tudela tem desenvolvido uma prática multidisciplinar que combina desenho, escultura, fotografia, instalação, som, vídeo, performance e música eletrónica experimental. Apesar das inflexões formais que marcam diferentes períodos do seu trabalho, a sua primeira exposição individual, intitulada *Desenho/Performance* (1984), durante a qual delineou o seu contorno nas paredes e no pavimento da galeria, revelava desde logo aspetos que perpassam a sua obra até aos dias de hoje: um incessante impulso de ação, uma forte sensibilidade espacial e uma relação franca com o corpo, que surge, ora absolutamente presente, ora subtilmente invocado através de um gesto, de um som, desenho ou objeto.

A partir do início dos anos 1990, o som assume um lugar central na prática de Pedro Tudela, que explora a sua plasticidade conceptual, gráfica, matéria e espacial recorrendo a diferentes ações, objetos e mecanismos. Os suportes

físicos que dão corpo ao seu trabalho são utilizados funcional e iconograficamente, podendo estar diretamente associados à produção e difusão sonora, como é o caso de altifalantes, sinos, bobines de gravação, cabos de áudio e pautas musicais que encontramos na exposição; ou simplesmente relacionados com o quotidiano, apropriados e readaptados a um determinado fim, preservando a memória do seu uso comum.

Paralelamente à sua prática artística individual, ao ensino e à cenografia, Tudela mantém desde 2000 uma profícua colaboração com Miguel Carvalhais no âmbito do projeto coletivo *@c*, que comporta a criação de performances, composições, instalações e edições de música eletrónica e arte sonora aliadas à experimentação com diferentes sistemas computacionais. Na origem desta exposição está precisamente a realização de uma performance deste coletivo², concebida em diálogo com a obra de Jorge Pinheiro, partindo das explorações conceptuais e geométricas que aproximam as suas práticas.

Na exposição apresentam-se duas obras de Jorge Pinheiro e Pedro Tudela, que revelam aproximações de natureza conceptual e formal centrais à exposição. No célebre álbum *Quinze ensaios sobre um tema ou Pitágoras jogando xadrez com Marcel Duchamp* (1975), Jorge Pinheiro explora de forma radical as possibilidades ilimitadas da abstração geométrica, utilizando um conjunto circunscrito de elementos gráficos — pontos, retas e arcos — para criar composições rítmicas construídas a partir da referida sequência de Fibonacci. “Sou quase como um computador”, afirma

2 Performance do coletivo *@c*, realizada em colaboração com André Rangel em dezembro de 2022 no Convento Corpus Christi, em Vila Nova de Gaia, no âmbito do festival *Tempos cruzados* e da exposição *Jorge Pinheiro: Obras da Coleção de Serralves*, patente no mesmo espaço.

o artista; “metidos os dados, aceito os resultados”³. Ao adotar uma abordagem matemática para a definição da matriz compositiva do seu trabalho, Pinheiro desafia as convenções artísticas associadas à autoria, à liberdade criativa e ao virtuosismo, em linha com as experiências conceptuais que surgiam neste período. O título da obra associa Pitágoras, referência basilar da matemática, a Marcel Duchamp, figura incontornável da arte do século xx, criador do *ready-made*⁴, adepto do automatismo e precursor da arte conceptual, conhecido também como exímio jogador de xadrez — o jogo cerebral por excelência, baseado no cálculo de possibilidades.

O carácter geométrico, rítmico e serial desta obra encontra eco na recente composição de Pedro Tudela, *R:P-30* (2023). O (des)nivelamento das várias pranchas que a compõem é definido pelo atravessamento de um pentagrama musical, elemento recorrente na obra de Tudela que agrega aspetos centrais à sua prática: o gesto, a composição sonora e o desenho. Tal como o álbum de Pinheiro, a composição de Tudela obedece a um determinado conjunto de regras autoimpostas: cada folha contém o mesmo número e tipo de elementos circulares marcados no papel de forma sucessiva, em posições distintas. Pontos, círculos e semicírculos de diferentes dimensões são delineados com diversas técnicas que estabelecem cambiantes de definição, cor, densidade e vibração: desenhados a lápis, caneta, tinta acrílica e aguarela, com o auxílio de um escantilhão ou através do decalque de latas de tinta; simplesmente assinalados com argolas autocolantes (elementos *ready-made*)

3 Entrevista a Jorge Pinheiro por Nuno Faria e João Pinharanda, “O tempo é o tema”, *Jorge Pinheiro, 1961 — 2001*, vol. 2, cat. exp., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, p. 28.

4 O termo *ready-made* ou, no francês, *objet trouvé* [objeto encontrado] foi cunhado por Marcel Duchamp (Blainville-Crevon, 1887 — Neuilly-sur-Seine, 1968) para descrever objetos do quotidiano apropriados pelo artista e apresentados como obras de arte, por vezes sem qualquer alteração.

ou minuciosamente recortados. Concebida para uma exposição⁵ intitulada *R!™O*, esta obra estabelece-se precisamente enquanto exercício rítmico, partindo de uma matriz de repetição que, sendo definida por variáveis restritas, é aberta ao acaso, no encontro da matéria com o papel, e à aleatoriedade da sequência, sempre distinta, sempre circular.

Apesar de apresentarem uma cadência distinta, segundo malhas e padrões particulares, os desenhos e serigrafias *Sem título* de 1970 a 1973 de Jorge Pinheiro seguem uma estrutura semelhante, definidos por pontos, retas e semicírculos desenhados com lápis ou caneta de grafos, incluindo ainda pequenos autocolantes circulares. A utilização destes minúsculos pontos negros — também eles *ready-made* — não acontece por acaso, sendo valorizado o seu carácter elementar, unitário e indivisível. Tendo como referência a ideia de grafo existencial desenvolvida por Charles Sanders Peirce, Pinheiro reconhece no ponto o signo de “primariedade”, encontrando no seu alfabeto geométrico um paralelo com a estrutura básica da linguagem: “Os elementos mínimos que uso (pontos, arcos de círculo, segmentos de reta), são grafos [...]. Talvez funcionem como os fonemas funcionam na fala.”⁶ Esta relação estrutural com a linguagem, escrita e oral, surge como tema recorrente no diálogo entre a obra de Pinheiro e Tudela.

Os trabalhos da série *>e(c(o<* (2019), de Pedro Tudela, apresentados juntamente com um destes desenhos, exploram desdobramentos semânticos do termo “eco”, enquanto repetição de um som refletido por um corpo e como sufixo que exprime a noção de casa, meio ambiente e ecologia.

⁵ Apresentada no Museu Internacional de Escultura Contemporânea de Santo Tirso, entre outubro de 2023 e fevereiro de 2024.

⁶ Jorge Pinheiro, op. cit., p. 30. Charles Sanders Peirce (Cambridge, 1839 — Milford, EUA, 1914) foi um filósofo, linguista e matemático americano, célebre pelos seus contributos nos campos da lógica e da semiótica.

A importância dada pelo artista às nuances da linguagem é visível desde logo no título da série, que assume uma formulação próxima da poesia visual, espelhando graficamente os efeitos de reverberação do som. A escultura de parede, formada por pedaços de madeira devolvida pelo mar, uma argola de vidro encontrada no lixo e um balão de vidro pou-sado, que nada verte, relaciona objetos díspares interligados por um elemento ausente — a água — aludindo à circularidade de um meio ambiente em desequilíbrio. A instalação composta por uma guarita e um megafone estabelece uma experiência sensorial, ecoando uma composição sonora produzida a partir de sons de água em queda. No interior deste abrigo — lugar de proteção e isolamento — surge suspenso um sino de vidro, objeto presente noutras obras deste artista, cuja sonoridade pendular se aproxima do som puro, representado matematicamente por uma onda sinusoidal simétrica, constante e infinita. Tudela tem explorado a curva senoide da mesma forma que Pinheiro se serve da progressão de Fibonacci: como matriz ilimitada, que rege uma multiplicidade de variações plásticas.

A pintura *Mensagem inequívoca VI* (1977), construída ainda segundo a progressão de Fibonacci, surge no final da fase abstrata que marcou o percurso de Jorge Pinheiro durante a década de 1970, num momento em que a sua obra, composta até então apenas de “fonemas”, começa finalmente “a tentar ‘dizer coisas’”.⁷ Estruturas gráficas complexas, formadas pelo encadeamento dos elementos básicos que nos são já familiares, evocam os eixos de coordenadas e abscissas e o movimento dinâmico de composições musicais sem que, contudo, possamos efetivamente decifrar a sua mensagem velada. Surgindo também num importante momento de viragem no percurso de Pedro Tudela, a instalação *Rastos* (1997) marca a sua aproximação ao universo sonoro, apesar

⁷ Jorge Pinheiro, op. cit., p. 45.

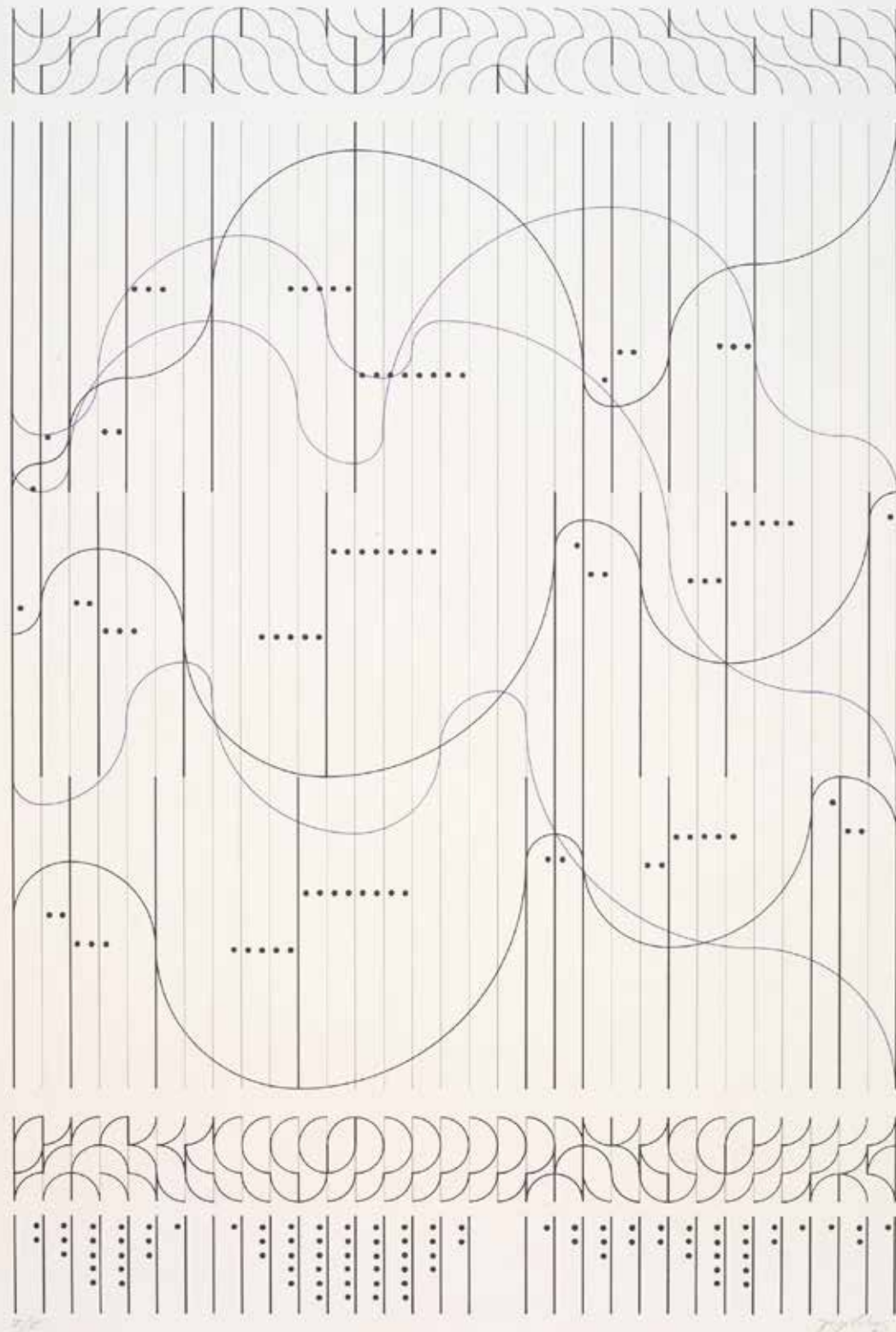
de se manter ainda em total silêncio. O megafone montado na parede não emite qualquer ruído e as fitas magnéticas que dele se projetam (ou que por ele são absorvidas) estão ainda por gravar, contendo apenas silêncio. *Rastos* une um ponto de chegada e um ponto de partida, sem clarificar origem e destino. Invertendo funções e sentidos, projeta o som enquanto sinal visível e armazena o silêncio, aludindo à cacofonia de um mundo saturado de informação.

Em extremidades opostas da Galeria Municipal de Matosinhos, são instaladas duas obras que evidenciam o carácter experimental e disruptivo da prática de ambos os artistas. Apresentada em 1977 na célebre exposição *Alternativa zero — tendências polémicas na arte portuguesa contemporânea*, a obra *Partitura para um canto livre* (1976), de Jorge Pinheiro, é composta por sete estantes e pautas musicais dispostas em semicírculo. As partituras contêm apenas um conjunto de fitas perfuradas utilizadas em antigos gravadores de som: tratar-se-á de outra composição secreta, ou, talvez, de uma mensagem aberta a interpretações, criada num momento de celebração e reivindicação de liberdade. No final do corredor, encontramos *A idade do cacifo* (1997), de Pedro Tudela, onde ouvimos ruídos de um corpo aprisionado que resiste à clausura em que se encontra. O seu carácter inquietante é imediato, partindo de um jogo de palavras que alude à adolescência para invocar um momento de desconforto e emancipação, procurando alcançar, entre a simplicidade formal e a complexidade semântica, *a arte da fuga*.

A instalação da série “Sobre” (2004), de Tudela, espalha-se pelo pavimento a partir de um dos cantos da galeria, reverberando por todo o espaço, ao mesmo tempo que revela como o ritmo que anima as práticas de ambos os artistas se multiplica enquanto vibração visual, sonora e tátil.

Concebidas para a exposição homónima do artista realizada no Museu de Serralves em 2004, as obras que compõem esta série foram produzidas a partir de gravações feitas em diferentes espaços do Museu, registando os seus sons quotidianos: o público a percorrer as galerias, as equipas em montagem, a natureza lá fora, no Parque. Esta paisagem sonora é desenhada no chão, reverberando a partir dos cilindros de vidro dispostos pela sala. Neste lugar de tempos e histórias longínquas, ressoam agora *ecos, rastos, ritmos* de outros espaços, outras vozes e novas mensagens por revelar.

Jorge Pinheiro
 Quinze ensaios sobre um tema ou Pitágoras jogando xadrez com Marcel Duchamp.
 Alguns ensaios realizados entre 1970/74 (1 de 16 elementos), 1975



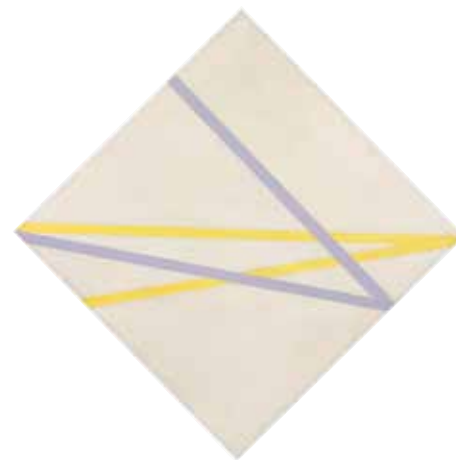
JORGE PINHEIRO



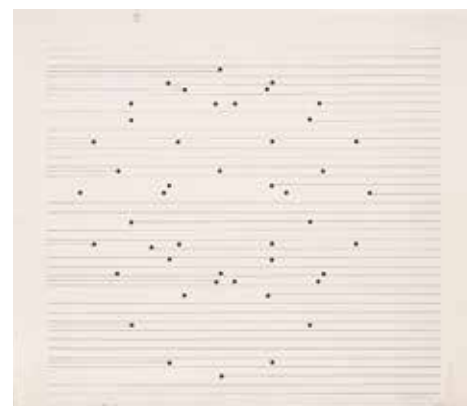
Sem título, 1968
Tinta industrial sobre madeira
225,5 × 84 cm
Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,
Porto. Aquisição em 1999



Sem título, 1968
Óleo sobre madeira
194,5 × 149 cm
Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,
Porto. Doação do artista em 1990



Sem título, 1970
Tinta acrílica sobre tela
126 × 126 cm
Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,
Porto. Aquisição em 2000



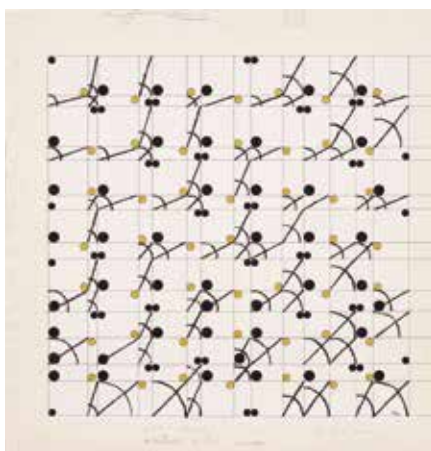
Sem título, 1970
Tinta da China e autocolantes sobre papel
40 × 45 cm
Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,
Porto. Aquisição em 2017



Sem título, 1970
Tinta da China sobre papel
51,7 × 42 cm
Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,
Porto. Aquisição em 2017



Sem título, 1972
Óleo sobre tela montada em aglomerado de madeira
31 × 37 cm
Coleção privada em depósito na Fundação de Serralves — Museu
de Arte Contemporânea, Porto. Depósito em 2024



Sem título, 1972
Tinta da China, lápis de cor e autocolantes sobre papel
33 × 33 cm
Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,
Porto. Aquisição em 2017

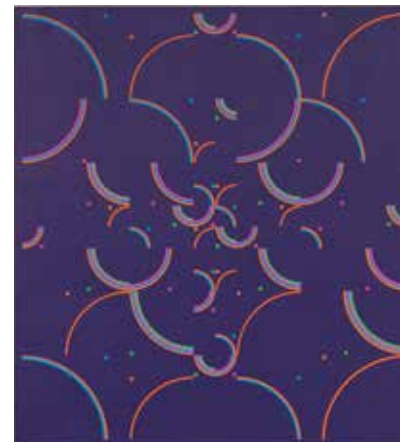


Sem título, 1972
Serigrafia sobre papel. Ed. 9/45
81,7 × 70 cm
Coleção de Arte Contemporânea do Estado, em depósito na
Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, Porto.
Depósito em 1990



Sem título, 1972
Serigrafia sobre papel. Ed. 21/45
71,9 × 70 cm
Coleção de Arte Contemporânea do Estado, em depósito na
Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, Porto.
Depósito em 1990

20

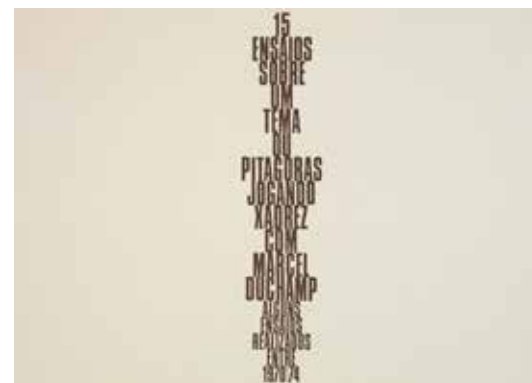


Sem título, 1973
Serigrafia sobre papel. Ed. 10/20
50,6 × 47,1 cm
Col. Museu Nacional de Soares dos Reis, em depósito na
Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, Porto.
Depósito em 1990

21



Sem título, 1972-73
Tinta da China sobre papel
38,7 × 52 cm
Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,
Porto. Aquisição em 2017



**Quinze ensaios sobre um tema ou Pitágoras jogando xadrez
com Marcel Duchamp. Alguns ensaios realizados entre
1970/74, 1975**
Álbum com gravuras offset sobre papel (16 elementos). Ed. I/V
35 × 50 cm (cada)
Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,
Porto. Aquisição em 1999



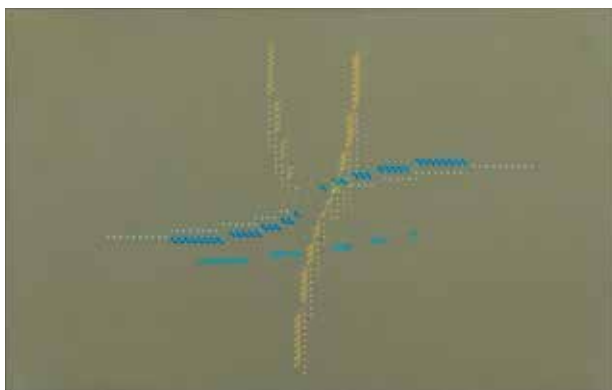
Partitura para um canto livre, 1976

Pautas de música, estantes (7 elementos)

30 × 41,5 cm (cada elemento)

Dimensões variáveis

Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, Porto. Doação do artista em 1997



Mensagem inequívoca VI, 1977

Tinta acrílica sobre tela

120 × 190 cm

Coleção de Arte Contemporânea do Estado, em depósito na Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, Porto. Depósito em 1990



Sem título, 1977

Tinta da China e lápis de cor sobre papel

54,6 × 50 cm

Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, Porto. Aquisição em 2017

PEDRO TUDELA



Sem título (da série "Stereo: Even Flowers Can Hear You"), 1990
Óleo, grafite e verniz sobre tela (díptico)
38 × 92 cm
Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,
Porto. Aquisição em 1990



Rastos, 1997–98
Metal, plástico, cintas magnéticas
Dimensões variáveis
Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,
Porto. Aquisição em 1998

24



A idade do cacifo, 1997
Cacifo em alumínio, som
160 × 34,5 × 40 cm
Col. Banco Privado Português, S.A. — Em Liquidação,
em depósito na Fundação de Serralves — Museu de Arte
Contemporânea, Porto. Depósito em 1999

25



Sem título (da série "Sobre"), 2004
Vidro, altifalantes, som
Dimensões variáveis
Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,
Porto. Aquisição em 2006



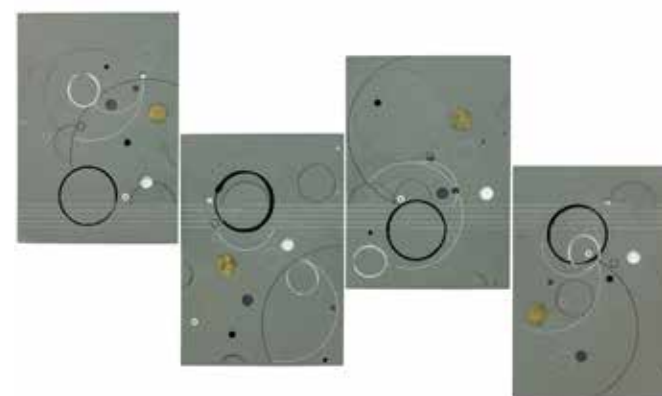
Sem título (da série >e(c(o<), 2019
Vidro soprado, madeira encontrada na praia, borracha e ferragens
15 × 95 × 23 cm
Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,
Porto. Doação de Kubikgallery em 2020



Sem título (da série >e(c(o<), 2019
Linha de algodão, grafite, lápis branco de gravura, sobre folha de
partitura musical (22 elementos)
23 × 61 cm (cada)
Cortesia do artista



Sem título (da série >e(c(o<), 2019
Guarita de madeira, tinta, cabo de aço, vidro, altifalantes, cabo
áudio, som
Dimensões variáveis
Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,
Porto. Aquisição em 2020



R:P-30, 2023
Lápis, caneta, tinta acrílica, aguarela e vinil sobre papel
(30 elementos)
42 × 29,7 cm (cada)
Cortesia do artista



R:CdM, 2023

Peças de cerâmica e molas de metal

200 × 70 × 1 cm

Cortesia do artista

Pedro Tudela
A idade do cacifo, 1997



The exhibition *echoes, traces, rhythms* establishes a dialogue between the work of Jorge Pinheiro (Coimbra, Portugal, 1931) and Pedro Tudela (Viseu, Portugal, 1962), two artists from different generations with distinct artistic languages. Developed between painting, drawing, sculpture and installation, their practices touch at key points. Echoes, traces and rhythms suggest dialogical relationships of circularity, reciprocity, sequence, gradation and contrast. The exhibition is structured around these relational mechanisms, revealing how both artists translate sound and silence as point and line, object and concept, time and space.

Conceived for the Galeria Municipal de Matosinhos, the exhibition presents works by Jorge Pinheiro from the 1970s alongside Pedro Tudela's installations dating from the late 1990s to the present day. Through compositional structures based on geometrical and sound modulations, as well as graphic and musical notations that permeate both artists' practices, sound and drawing are developed in tandem as forms of action and communication.

Jorge Pinheiro is recognised as an essential figure in the Portuguese art scene of the second half of the 20th century. In 1968, he integrated the renowned group known as Os Quatro Vintes [The Four Twenties], together with Ângelo de Sousa, Armando Alves and José Rodrigues.¹ With a career spanning more than five decades, Jorge Pinheiro has developed a diverse body of work of remarkable theoretical and formal rigour, in which figurative painting and geometrical abstraction coexist. Based on mathematical and semiotic principles, his work is particularly inspired by the Fibonacci sequence, where each successive number results from the sum of the two preceding ones. His sophisticated

¹ Ângelo de Sousa (Maputo, Mozambique, 1938—Porto, Portugal, 2011), Armando Alves (Estremoz, Portugal, 1935) and José Rodrigues (Luanda, Angola, 1936—Porto, Portugal, 2016).

geometrical compositions and high-contrast patterns reflect a thorough exploration of rhythm and seriality, and their formal and conceptual developments mirror the artist's interest in music and logic.

The exhibition presents a group of abstract works by Jorge Pinheiro that include drawing, painting and installation, revealing the compositional vocabulary that underpins his entire work. In the late 1970s and early 1980s, Pinheiro returned to figuration. Yet, beyond the poetic, metaphorical and political dimension of his figurative painting, the rigorous geometrical construction that guides his abstract work remains as an underlying foundational element, demonstrating the profound conceptual coherence of his multifaceted artistic production.

Starting his career in painting in the 1980s, Pedro Tudela has since developed a multidisciplinary practice that combines drawing, sculpture, photography, installation, sound, video, performance and experimental electronic music. Despite the formal inflections that have marked different periods of his work, his first solo exhibition—entitled *Desenho/Performance* [Drawing/Performance] (1984), during which he drew his silhouette on the gallery walls and floor—revealed aspects that permeate his work until today: an ongoing impulse for action, strong spatial acuity and a direct relationship with the body, sometimes explicitly present, sometimes subtly invoked through a gesture, sound, drawing or object.

From the early 1990s onwards, sound has played a central role in Tudela's practice as he explored its conceptual, graphic, material and spatial plasticity, making use of different mechanisms, objects and actions. The materials and devices that give shape to his work are used in both a functional and iconographic way. Whether directly linked to sound production and diffusion (as is the case with the loudspeakers, bells,

tape recorders, audio cables and musical scores present in the exhibition) or everyday objects appropriated or adapted for a certain purpose, they carry the memory of their common use.

Since 2000, alongside his individual artistic, teaching and set design practices, Tudela has maintained a fruitful collaboration with Miguel Carvalhais as part of the collective project @c, which involves the creation of performances, compositions, installations and editions of electronic music and sound art, combined with experimental uses of different computational systems. This exhibition stems precisely from a performance by @c² conceived in dialogue with a work by Jorge Pinheiro, based on conceptual and geometrical modulations that bridge their practices.

In the exhibition, two works by Jorge Pinheiro and Pedro Tudela are displayed in parallel, highlighting conceptual and formal similarities. In his album *Quinze ensaios sobre um tema ou Pitágoras jogando xadrez com Marcel Duchamp* [Fifteen essays on a theme or Pythagoras playing chess with Marcel Duchamp] (1975), Pinheiro radically explores the infinite possibilities of geometrical abstraction, using a restricted set of graphic elements—dots, straight lines and arcs—to create rhythmic compositions based on the Fibonacci sequence. ‘I am almost like a computer’, states the artist, ‘once data has been inserted, I accept the results.’³ By adopting a mathematical matrix in his compositions, Pinheiro challenged artistic conventions of authorship, creative freedom and virtuosity, in keeping with the conceptual experiments of that time.

2 Performance by the collective @c, in collaboration with André Rangel in December 2022 at the Convento Corpus Christi, in Vila Nova de Gaia, created for the festival *Tempos cruzados* associated with the exhibition *Jorge Pinheiro: Obras da Coleção de Serralves* displayed in the same space.

3 An interview with Jorge Pinheiro, conducted by Nuno Faria and João Pinharanda, ‘O tempo é o tema’, in *Jorge Pinheiro, 1961–2001*, vol. 2, exh. cat., Lisbon: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, p. 28.

The title of the work associates Pythagoras, a fundamental reference in mathematics, with Marcel Duchamp, a key figure in twentieth-century art, creator of the *ready-made*,⁴ a proponent of automatism and a precursor of conceptual art, also known to be an excellent chess player—the quintessential cerebral game, based on the calculation of possibilities.

The geometrical, rhythmic and serial nature of this work is echoed in Pedro Tudela’s recent composition, *R:P-30* (2023). The (un)evenness of its drawings is dictated by a musical pentagram which spans across them, a recurrent feature in Tudela’s work, bringing together aspects that are central to his practice: gesture, sound composition and drawing. Just like Pinheiro’s album, Tudela’s score obeys a set of self-imposed rules: each sheet contains the same number and type of circular elements marked in distinct positions. Different-sized dots, circles and semi-circles are drawn with various techniques generating changes in definition, colour, density and vibration. These elements are drawn in pencil, pen, acrylic paint and watercolour, with the aid of a stencil or decals of tins of paint; simply marked with adhesive ring-shaped stickers (*ready-made* elements) or painstakingly cut out. Conceived for an exhibition⁵ entitled *R!™0*, this work is established as a rhythmic exercise, based on a pattern of repetition. Despite being determined by restricted variables, it is also open to chance, in each encounter between matter and paper and, within its varying sequence, always different, always circular.

4 The term ready-made, or, in French, *objet trouvé* [found object], was coined by Marcel Duchamp (Blainville-Crevon, 1887—Neuilly-sur-Seine, France, 1968) to describe objects from everyday life appropriated by the artist and presented as works of art, sometimes without any alteration.

5 Presented at the International Museum of Contemporary Sculpture in Santo Tirso from October 2023 to February 2024.

Although they present a distinct cadence, according to specific meshes and patterns, Jorge Pinheiro's *Untitled* drawings and silkscreen prints from 1970 to 1973 follow a similar structure, defined by dots, straight lines and semi-circles drawn with a graph pencil or pen, also including small round stickers. The use of these minuscule black dots—also ready-made elements—is not by chance, drawing on their elemental, unitary and indivisible nature. Based on the idea of the existential graph developed by Charles Sanders Peirce, Pinheiro recognises the dot as the sign of 'primariness', finding in its geometrical alphabet a parallel with the basic structure of language: 'The minimum elements that I use (dots, arcs of circles, segments of a straight line) are graphs [...]. Perhaps they function in the same way as phonemes function in speech'.⁶ This structural relationship with both written and spoken language appears as a recurrent theme in the dialogue between Pinheiro and Tudela.

36

The works from the series *>e(c(o<* (2019) by Pedro Tudela, presented together with one of these drawings, explore semantic ramifications of the term 'eco' (echo), as a repetition of a sound reflected by a body and as a suffix that expresses the notion of a house, environment and ecology. The title of the series immediately denounces the artist's interest in the nuances of language, assuming a formulation that is close to visual poetry, graphically mirroring the reverberating effects of sound. The wall sculpture, formed by pieces of driftwood, a glass ring found in the rubbish and an empty round-bottom flask placed upon it relates different objects interconnected by an absent element—water—alluding to the circularity of our unbalanced environment. The large installation, composed of a sentry box and a megaphone, establishes a sensory experience, echoing an audible composition produced from

⁶ Jorge Pinheiro, op. cit., p. 30. Charles Sanders Peirce (Cambridge, 1839—Milford, USA, 1914) was an American philosopher, linguist and mathematician, famous for his contributions to the fields of logic and semiotics.

the sounds of dripping water. Inside this shelter—a place of protection and isolation—hangs a glass bell, an object that is also present in other works by this artist, whose pendular sound is almost entirely pure, represented mathematically by a symmetrical, constant and infinite sine wave. Tudela has explored the sine curve in the same way as Pinheiro makes use of the Fibonacci progression: as an unlimited matrix that governs a multiplicity of plastic variations.

The painting *Mensagem inequívoca VI* [Unequivocal Message VI] (1977), also structured in accordance with the Fibonacci sequence, appears at the end of the abstract phase that marked Jorge Pinheiro's artistic path during the 1970s, at a time when his work, composed until then solely of 'phonemes', finally began 'to try to "say things"'.⁷ Complex graphic structures, formed through a chain of elemental forms, evoke the x and y axes and the dynamic movement of musical compositions, without allowing us, however, to effectively decipher their hidden message. Also appearing at a turning point in Pedro Tudela's artistic path, the installation *Rastos* [Traces] (1997) marks his approach to the world of sound, even though it remains mute. The megaphone mounted on the wall does not emit any noise and the magnetic tapes that are projected from it (or absorbed by it) are still unrecorded, containing only silence. *Traces* unites a point of arrival to a point of departure, without clarifying either their origin or destination. Inverting both function and meaning, it projects sound as a visible signal and stores silence, alluding to the cacophony of a world saturated with information.

37

At opposite ends of the Matosinhos Municipal Gallery, two works highlight the experimental and disruptive nature of the artists' practices. Presented in 1977 at the famous exhibition *Alternativa zero — tendências polémicas na arte portuguesa*

⁷ Jorge Pinheiro, op. cit., p. 45.

contemporânea [Alternative Zero—Controversial Tendencies in Contemporary Portuguese Art] in 1977, *Partitura para um canto livre* [Musical Score for a Free Form Song] (1976) by Jorge Pinheiro is composed of seven music stands and scores arranged in a semi-circle. The scores contain only a set of perforated tapes used in old sound recorders: it appears to be yet another secret composition, or, perhaps, a message open to interpretation, created at a time of celebration and vindication of freedom. At the end of the corridor, we find Pedro Tudela's *A idade do cacifo* [The Age of the Locker] (1997), where we hear noises of a body struggling to free itself from the seclusion to which it is condemned. Its disquieting nature is palpable, stemming from a word play that alludes to adolescence to invoke a moment of discomfort and emancipation, seeking to achieve, between its formal simplicity and semantic complexity, *the art of fugue*.

The installation from Tudela's series 'Sobre' [About] (2004), spreads across the floor from one of the corners of the gallery, reverberating throughout the space revealing how the notion of rhythm that animates the practices of both artists is multiplied as a visual, aural and tactile vibration. Conceived for the artist's homonymous exhibition at the Serralves Museum in 2004, the works that compose this series were produced from recordings made in different spaces of the Museum, registering everyday sounds: the public making their way through the galleries, the staff assembling exhibitions, nature flowing outside in the Park. This soundscape is drawn on the ground, reverberating from the glass cylinders laid out across the room. In this place of remote times and histories, now resound *echoes, traces, rhythms* of other spaces, other voices and new messages yet to be revealed.

Jorge Pinheiro
Partitura para um canto livre (1 de 7 elementos), 1976



LER READ

Marcel Duchamp, “The Creative Act”, *artnews*, vol. 56, n.º 4, 1957

Lucy Lippard, *Six Years: The Dematerialization of the Art Object from 1966 to 1972*, Nova Iorque: Praeger Publishers, 1973

Os quatro vintes, cat. exp., Porto: Árvore — Cooperativa de Actividades Artísticas, 1989

Pedro Tudela: *Rastos*, cat. exp., Vila Nova de Famalicão: Fundação Cupertino de Miranda, 1997

Jorge Pinheiro, 1961–2001, cat. exp., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, 2002

Pedro Tudela: *Sobre*, cat. exp., Porto: Fundação de Serralves, 2004

Ana Hatherly, *463 Tisanas*, Lisboa: Quimera, 2006

Jorge Pinheiro: *a não-figuração nos anos 70, trabalhos escolhidos*, cat. exp., Lisboa: Galeria João Esteves de Oliveira, 2008

Serralves 2009: *A colecção*, cat. exp., Porto: Fundação de Serralves, 2009

Pedro Tudela: *Esquírola*, cat. exp., Guimarães: Centro Cultural Vila Flor, 2014

Jorge Pinheiro: *D’après Fibonacci e as coisas lá fora*, cat. exp., Porto: Fundação de Serralves, 2017

Pedro Tudela & Miguel Carvalhais, *Installations / Instalações*, Porto: Crónica, 2022

VER SEE

Man Ray, *Le Retour à la raison*, 1923

Len Lye, *Colour Box*, 1935

E. M. de Melo e Castro, *Música negativa*, 1965–77

Trisha Brown, *Primary Accumulation*, 1972

Ângelo de Sousa, *Ribeiro*, 1973

Chantal Akerman, *Jeanne Dielman, 23, quai du Commerce, 1080 Bruxelles*, 1976

Silvestre Pestana, *Computer Poem para Spectrum dedicado a Julian Beck*, 1983

Steve Barron, *Electric Dreams*, 1984

Darren Aronofsky, *Pi*, 1998

Christian Marclay, *The Clock*, 2010

Pedro Tudela, *DipticCinamatic#291*, 2020

Wim Wenders, *Perfect Days*, 2023

OUVIR LISTEN

Johann Sebastian Bach, *A arte da fuga BWV 1080*, c. 1742

Clara Schumann, *Trio para piano em sol menor, Op. 17*, 1846

Arnold Schönberg, *Variações para orquestra, Op. 31*, 1926–28

Pierre Schaeffer, *Sinfonia para um homem só*, 1950

John Cage, *4’33”*, 1952

Filipe Pires, *Figurations III*, 1969

Max Neuhaus, *Times Square*, 1977

Telectu, *Belzebu*, 1983

Éliane Radigue, *Kyema*, 1990

Isabel Soveral, *Anamorphoses III*, 1995

Pedro Tudela, *Là où je dors*, 2003

Maile Colbert, *Doors and Doors and Corridors*, 2015

@c, *Espaço, pausa, repetição*, 2019

Pedro Tudela, *Auditório*, 2020

Moritz von Oswald, *Silencio*, 2023

A Coleção de Serralves centra-se na arte contemporânea produzida desde os anos 1960 até à atualidade, distinguindo-se pela perspetiva internacional que proporciona sobre a arte portuguesa produzida a partir desse período histórico de mudanças políticas, sociais e culturais a nível planetário. Cumprindo o seu programa de pesquisa e desenvolvimento permanentes, a Coleção de Serralves mantém uma aturada atenção à criação do século XXI, em particular à relação das artes visuais com a performance, a arquitetura e a contemporaneidade no âmbito de um presente pós-colonial e globalizado.

A Coleção de Serralves integra obras que são propriedade da Fundação de Serralves, incluindo um importante núcleo de livros e edições de artistas, e obras provenientes de várias coleções privadas e públicas que foram objeto de depósitos de longo prazo. De entre os acervos depositados em Serralves, que constituíram pontos de referência para o seu desenvolvimento, contam-se a Coleção de Arte Contemporânea do Estado (CACE) e a coleção da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD).

A presente mostra integra-se no programa de exposições e apresentação de obras da Coleção de Serralves, especificamente selecionadas para os locais de exposição com o objetivo de tornar o acervo acessível a públicos diversificados de todas as regiões do país.

The Serralves Collection focuses on contemporary art spanning from the 1960s to the present, offering an international perspective on Portuguese art since that historical period, which was marked by worldwide political, social and cultural change. In line with its continuous research and development programme, the Serralves Collection follows attentively the developments in twenty-first century creation, particularly in regard to the relationship between the visual arts and performance, architecture and contemporaneity in the context of a post-colonial, globalised present.

The Serralves Collection includes works that belong to the Serralves Foundation, including a significant corpus of artists' books and publications, as well as works on long-term loan from several public and private collections, which were crucial references for its formation, such as the Portuguese State Contemporary Art Collection (CACE) and the Luso-American Development Foundation (FLAD) Collection.

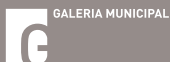
echoes, traces, rhythms is part of a programme of exhibitions and presentation of artworks from the Serralves Collection that are specifically selected for each location with the purpose of making the collection accessible to the public across all regions in the country.

SERRALVES

A exposição *ecos, rastos, ritmos* estabelece um diálogo entre o trabalho de Jorge Pinheiro (Coimbra, 1931) e Pedro Tudela (Viseu, 1962), artistas de diferentes gerações com linguagens plásticas muito distintas que se tocam em pontos-chave. Patente na Galeria Municipal de Matosinhos, a exposição reúne pintura, desenho, escultura e instalação sonora, apresentando obras de Jorge Pinheiro da década de 1970 em paralelo com trabalhos de Pedro Tudela dos anos 1990 até à atualidade, revelando como os artistas materializam o som e o silêncio enquanto ponto e linha, objeto e conceito, tempo e espaço.

The exhibition *echoes, traces, rhythms* establishes a dialogue between the work of Jorge Pinheiro (Coimbra, Portugal, 1931) and Pedro Tudela (Viseu, Portugal, 1962), artists from different generations whose very distinct practices intersect at fundamental levels. On view at Galeria Municipal de Matosinhos, the exhibition brings together painting, drawing, sculpture and sound installation, featuring works by Jorge Pinheiro from the 1970s alongside works by Pedro Tudela from the 1990s to the present day, revealing how the artists materialise sound and silence as point and line, object and concept, time and space.

www.serralves.pt



GALERIA MUNICIPAL DE MATOSINHOS
Rua Alfredo Cunha, 4450-510 Matosinhos

CONTACTOS CONTACTS
+351 229 390 960 | galeria.municipal@cm-matosinhos.pt | www.cm-matosinhos.pt

HORÁRIO SCHEDULE
Terça a sexta Tuesdays to Fridays: 10h00 – 13h00; 15h00 – 18h00
Sábados, domingos e feriados Saturdays, Sundays and Holidays: 15h00 – 18h00

Apoio Institucional
Institutional Support



FUNDAÇÃO DE SERRALVES — MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA